

A ARTE DA DENÚNCIA E DO ANÚNCIO EM PAULO FREIRE E AS CRÔNICAS DE ELIAS BOAVENTURA

The art of denunciation and announcement in Paulo Freire and Elias Boaventura's chronicles

JOSUÉ ADAM LAZIER

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

jalazier@uol.com.br

RESUMO O artigo discorre sobre a arte do anúncio e da denúncia em Paulo Freire sob o olhar da teologia e destaca alguns aspectos em seus escritos que se aproximam do profetismo bíblico e, sobretudo, as questões que coloca sobre a figura do profeta na perspectiva da educação. O artigo também constrói uma relação de aproximação entre as crônicas de Elias Boaventura que o identificam como um educador profético ao escrever sobre as crises da Unimep entre 2006 e 2008, em especial as considerações que faz acerca do diálogo como caminho a ser percorrido para a superação das crises e do intervencionismo no projeto educacional da Unimep levado a efeito no final de 2006 pela mantenedora da Universidade e que podem ser identificadas como proféticas, pois o tom que as caracteriza é de anúncio e denúncia.

Palavras-chave: ANÚNCIO. DENÚNCIA. DIÁLOGO. EDUCAÇÃO LIBERTADORA. PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO.

ABSTRACT This paper discusses the art of announcement and denunciation in Paulo Freire through the eyes of theology and highlights some of the aspects in his writings that resemble the biblical praxis of prophecy and, most importantly, the questions he raises about the prophet's figure from the perspective of education. The paper builds a close relationship with Elias Boaventura's chronicles that identify him as a prophetic educator when writing about the crises faced by Unimep between the years 2006 and 2008, specially his insights on dialogue as a way to overcome the crises and the interventions in Unimep's educational project brought about in late 2006 by the Sponsoring Institution, that can be seen as prophetic due to its tone of denunciation and announcement.

Keywords: ANNOUNCEMENT. DENUNCIATION. DIALOGUE. EMANCIPATORY EDUCATION. PROTESTANTISM AND EDUCATION.

INTRODUÇÃO

Neste artigo busca-se refletir sobre a temática da denúncia e do anúncio em Paulo Freire sob o olhar da teologia, destacando-se alguns aspectos em seus escritos que abordam

a figura do profeta. Procura-se, também, aproximar dos pensamentos do professor Elias Boaventura, expressos em crônicas escritas entre 2006 e 2008 e publicadas em 2010, em seu livro *Pela autonomia universitária – Crônicas da luta na Unimep – 2006/2009* e verificar o viés profético na perspectiva freireana.

Elias Boaventura, mineiro da cidade de Coimbra (MG), foi reitor da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) de 1978 a 1986 e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma instituição até sua morte. Como reitor contribuiu para o desenvolvimento da Universidade em um período marcado pela ditadura militar que, no entanto, não foi suficiente para inibir as ações libertadoras e sinalizadoras dos direitos humanos. Foi neste período que a Unimep sediou o congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), bem como contribuiu para a defesa da causa palestina. Além disso, é sempre lembrado o envolvimento da Universidade no movimento em favor dos favelados de Piracicaba. Estas e outras ações do reitor Elias Boaventura repercutiram durante todo o período em que atuou como professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ora lecionando, ora orientando dissertações e teses, ora participando de bancas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado. Ele faleceu no dia 7 de janeiro de 2012, após sofrer acidente vascular cerebral, deixando um grande legado por meio de suas orientações, artigos, capítulos de livros, livros e trabalhos apresentados em diferentes congressos.

Olhar os conceitos de denúncia e anúncio em Paulo Freire a partir da teologia é tarefa prazerosa e encantadora. Prazerosa porque possibilita inúmeras reflexões sobre a vida, a fé, a esperança e a utopia. Encantadora porque ler Paulo Freire é alimentar o sonho de uma vida transformada sem esquecer a realidade que se apresenta feia. Além disso, este olhar encontra ressonância na tarefa docente e na tarefa pastoral, pois educar e pastorear caminham juntos e seria muito bom que teólogos e agentes pastorais bebessem desta fonte freireana.

O professor Elias Boaventura é conhecido por suas declarações e posicionamentos em favor dos direitos humanos e da dignidade da vida, bem como em favor da educação. Ser orientado por ele no PPGE é estar sempre sob questionamento e provocações que alimentam a busca por respostas que identifiquem o caminho libertador para a educação e a constatação acerca do contraditório e do conflito como elementos pedagógicos no processo histórico de transformação da sociedade. Ler Elias Boaventura é sentir o pulsar profético e sacerdotal presente no educador que transitava pelos caminhos da ação pastoral.

A DENÚNCIA E O ANÚNCIO EM PAULO FREIRE

Para Paulo Freire, Deus está presente na história e não impossibilita que os homens atuem para fazer da sua uma história de libertação e de transformação. Ao ler a Bíblia e a vida, Paulo Freire interpreta que Deus é contra toda e qualquer situação de exploração e de miséria que impedem que a vida seja vivida plenamente. Ele está sempre ao lado da justiça, da paz, do amor e da verdade. Assim, a história humana é sempre um tempo de conquistas e de possibilidades a partir das transformações vivenciadas pelos sujeitos que constroem sua história e seu futuro em uma perspectiva de liberdade. Deus é a favor desta liberdade, pois

criou o homem e a mulher para viverem a vida em sua integralidade, e a liberdade é sinal concreto deste propósito do criador.

Paulo Freire também considera que é propósito de Deus criar condições para que as pessoas e comunidades atuem neste trabalho de construção de uma sociedade livre e justa. E estas condições expressam-se na fé, na esperança, no amor e no sonho utópico, realizável pela luta das pessoas conscientizadas e comprometidas com a dignidade da vida.

O mundo, para ele, é a realidade na qual as pessoas estão inseridas, embora elas não tenham plena consciência desta realidade e não se assumam como sujeitos da história. “Estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2006, p. 20).

A realidade opressora é como uma força que aniquila e domestica as consciências. Desta forma, o mundo é o lugar de tensão entre opressores e oprimidos que precisa e pode ser transformado; mundo onde os opressores não se movem para transformar a realidade de opressão em libertação e onde os oprimidos estão imersos em suas consciências e impotentes ante a realidade em que se encontram (FREIRE, 2006, p. 43).

Assim, o mundo é a realidade em transformação pela ação e pela reflexão da ação dos oprimidos que, em relação uns com os outros, mediados pela realidade, adquirem conscientização a partir da práxis, ou seja, da ação-reflexão em uma relação dialética crítica, consciente e transformadora do ambiente em que vivem e na libertação da opressão promovida pelos poderosos e opressores, bem como na tomada de posse da realidade.

É justamente neste mundo, que se apresenta pronto para os oprimidos, mas que, na verdade, está em construção ou desconstrução pelas forças que operam em favor da desumanização, que as palavras de denúncias e de anúncios expressam-se e tornam-se práxis.

Embora não se apresente como teólogo, Paulo Freire lê e interpreta as Escrituras, especialmente o Antigo Testamento, onde encontra o diálogo entre Deus, que criou a vida para a liberdade, e Moisés, que apresenta o clamor do povo contra a opressão que vivenciava.

No diálogo registrado no livro de Êxodo, a denúncia e o anúncio estão presentes (Êxodo 3.7-10).¹ Paulo Freire fala da *Páscoa* como práxis, mudança de consciência e compromisso histórico. Em outras palavras, ele está falando de um processo de conversão que, na sua compreensão, é morrer para viver. A tomada de consciência é a compreensão dos diferentes fatos e situações que estabelecem um ambiente de injustiças que não são da vontade de Deus. Ser cristão, neste sentido, é uma busca constante pelo morrer para esta situação de opressão e viver, ou renascer, para uma vida marcada pela liberdade e pela solidariedade. A *Páscoa*, portanto, é um processo de transformação constante em busca da libertação.

Ao tocar no tema da *Páscoa*, ou seja, a libertação do povo, Paulo Freire destaca um dos principais temas da teologia bíblica e constata que, se Deus age na história humana, ele o faz para a transformação e para a libertação. O ser humano é criado para a liberdade e

¹ “Disse ainda o Senhor: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-los subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Êxodo 3.7-10).

tem, de forma inerente, a força para lutar contra e qualquer ação que impede que esta seja uma realidade e que a vida seja vivida integralmente. Neste sentido, o processo de conscientização é fundamental para que o ser humano tenha consciência das desumanizações como frutos da opressão e atue para transformar esta realidade junto com outros sujeitos conscientizados. Ele insere elementos da teologia, tais como fé, amor e esperança, no processo de uma educação humanizadora e libertadora, adentrando, assim, no ambiente da igreja cristã e chamando-a a participar do momento histórico de transformação.

É importante ressaltar a afirmação de Paulo Freire (2000a) de que a Igreja não é neutra na história e de que a missão que ela preconiza e desenvolve também não é, pois ela está inserida na realidade concreta em que se encontra e não há como estabelecer neutralidade em sua vida e missão com este contexto histórico. Paulo Freire afirma que:

As Igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens 'situados', condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá. Da mesma forma, o que fazer educativo das Igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta em que se acham. (2000a, p. 105).

A esta igreja que se insere na realidade Paulo Freire denomina profética. Ele compara três tipos de igrejas: tradicional, modernizante e profética. E destaca a terceira porque esta se faz presente na vida e na caminhada do povo, bem como na luta pela libertação dos oprimidos. A educação desenvolvida pela igreja profética apresenta-se como método de ação que liberta e transforma a pessoa e a sociedade.

Em carta endereçada a um jovem teólogo, Paulo Freire afirma que

Devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, torná-las concretamente reais. Não há esperança na passividade, na acomodação, no ajustamento, e sim na dialética inquietude e paz que caracteriza o ato crítico da busca permanente. Minha espera só é válida se busco e luto com esperança. (FREIRE, 1977, p. 88).

Neste sentido, a religião deve ser promotora da denúncia da opressão e anúncio de uma nova mentalidade cristã que leva as pessoas a atuar, em nome da fé, por uma nova sociedade, transformada, liberta e justa. Para Streck, foi esta perspectiva cristã que motivou Paulo Freire a ir até as periferias “num exercício de liberdade e na busca de libertação com homens e mulheres condenados a viverem como prisioneiros em sua realidade” (2005, p. 50).

Esta aproximação acontece também no que diz respeito à valorização do ser humano e no reconhecimento de ele, como sujeito da história, pode viver plenamente sua realidade e experimentar os limites de sua existência se for livre.

O eixo freireano, denúncia e anúncio, indica o profetismo veterotestamentário, mais propriamente os *nabis*, não apenas como receptáculos da palavra de Deus, mas comprometidos com sua proclamação, que se dava por meio da denúncia e do anúncio. Os *nabis*

não eram “meros prognosticadores; eram porta-vozes da palavra viva de Deus” (SCOTT, 1968, p. 23). Eles recebiam a revelação divina, interpretavam-na, contextualizavam-na e comprometiam-se com a mensagem. Não eram extáticos e nem estáticos, mas estavam inseridos na dura realidade do povo. A mensagem dos *nabis* invariavelmente versava sobre o direito e a justiça de Deus. Na linguagem dos profetas, o direito e a justiça de Deus eram para garantir a vida do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro, grupos identificados como marginalizados no mundo da época.

Neste sentido, é importante destacar a aproximação de Paulo Freire do profetismo, quando afirma que “somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais” (FREIRE, 2005, p. 32).

Para ele, o profeta não é um sujeito romântico, preocupado com suas vestes e proclamador de palavras sem sentido. Pelo contrário,

O profeta é o que, fundado no que vive, no que vê, no que escuta, no que percebe, no que entende, a raiz do exercício de sua curiosidade epistemológica, atento as sinais que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e como se expõe, tornando-se assim cada vez mais uma presença no mundo à altura de seu tempo, fala, quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social. Por outro lado, quanto mais se aceleram os avanços tecnológicos e a ciência esclarece as razões de velhos e insondáveis assombros nossos, tanto menor é a província histórica a ser objeto do pensamento profético. (FREIRE, 2000b, p. 54).

Assim, o profetismo no Antigo Testamento implica este ato de denúncia da realidade dura, opressora, discriminadora e que nega a vida em sua integralidade, bem como no ato do anúncio de uma vida transformada. O profeta não falava de coisas que aconteceriam, mas, sim, que poderiam acontecer, ou que poderiam vir a ser. Não se tratava de mensagem determinista ou de promessas que aconteceriam de forma mágica; pelo contrário, a realidade opressora poderia ser transformada pela ação do povo, que, impulsionado pela mensagem do profeta, alimentava o sonho de transformação e atuava para que isto acontecesse.

Hugo Assmann entra no tema do profetismo ao afirmar que não basta que o profeta radicalize a solidariedade, pelo contrário,

Não seria melhor restituir ao termo *u-topia* o sentido forte de horizonte para além do realizável (*outópos*=não-lugar), mas que tem a função de pólo atrator radical, irrealizável como tal neste mundo, mas dinamizador e direcionador de todos os passos da esperança? (ASSMANN, 1996, p. 228).

Por sua vez, ao se referir à educação desenvolvida pelas instituições metodistas, Elias Boaventura afirma que

A escola não é estática, não esgota sua tarefa na transmissão do saber organizado, mas, ao contrário, deve constituir-se em centro de permanente denúncia a todo e qualquer tipo de discriminação e dominação. (BOAVENTURA, 1983, p. 32).

Ao fazer esta relação da denúncia e do anúncio com a palavra dos profetas, Paulo Freire foca também o verbo, o *logos*, a palavra que se torna práxis, ou seja, a palavra que encarnou denunciando os sinais de morte e anunciando uma nova vida que poderia surgir, contraditoriamente, pelo ato de morrer. Se Paulo Freire lê o diálogo entre Deus e Moisés, ele também lê o Evangelho, que é o diálogo de Deus com o Cristo, o verbo que se tornou gente (João 1.1-14),² e que, por sua morte e ressurreição, inspira a luta dos pequenos, dos diminuídos, dos que valem menos, dos oprimidos e injustiçados.

Assim, Paulo Freire (TORRES, 1979) não considera que a teologia, ou a mensagem dos profetas e dos Evangelhos, seja supérflua ou que não tenha nenhuma contribuição a dar para o processo histórico em que se vive. Para Paulo Freire (TORRES, 1979, p. 38), “a teologia deveria estar envolvida com a educação libertadora e uma educação libertadora deveria estar envolvida com a teologia”. Ele também considera que, na perspectiva da denúncia e do anúncio, deveria haver uma constante discussão sobre “a palavra de Deus e nossas relações com a palavra de Deus” (TORRES, 1979, p. 38).

É neste confronto que se localiza o ato criador e transformador da vida e da sociedade. Ouvir a Deus, segundo Paulo Freire (1977), é comprometer-se com a mensagem libertadora, que denuncia e anuncia.

O CONVITE AO DIÁLOGO EM ELIAS BOAVENTURA

Nesta perspectiva freireana do profetismo pode-se incluir o Prof. Elias Boaventura,³ controvertido educador metodista que foi chamado de “profeta da educação” por ocasião do seu ofício fúnebre ocorrido no dia 8 de janeiro de 2012, por Paulo Ayres Mattos, bispo emérito da Igreja Metodista.

Neste exercício de aproximar a arte do anúncio e da denúncia freireana de Elias Boaventura, valemo-nos de seu livro intitulado *Pela autonomia universitária – crônicas da luta na Unimep – 2006/2009*, publicado em 2010, e que reúne crônicas do autor sobre a crise que se instalou na Unimep no final de 2006. Ao prefaciá-lo, Waldemar Sguissardi assim se refere a Boaventura:

É a partir deste instante que nosso cronista assume sua função quase profética, no sentido bíblico, de denunciar, de questionar, de clamar pela razão e pela necessidade absoluta do diálogo, com condição imprescindível de se preservar o que de melhor se tinha construído em termos de educação superior no país e, ressalte-se, sob os ditames e orientações da própria Igreja Metodista. (SGUISSARDI, 2010, p. 12).

² “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1.14).

³ O Prof. Elias Boaventura faleceu no dia 7 de janeiro de 2012.

É Sguissardi quem destaca outro aspecto profético nos escritos de Boaventura, conforme delineado a partir das considerações de Paulo Freire, ao registrar que as crônicas contribuíam para “informar e alimentar o debate, assim como fortalecer o ânimo dos que, cada um à sua maneira, resistem às forças da opressão autoritária” (2010, p. 9).

Assim foi Boaventura, sobretudo nos momentos de crise vivenciados pela Universidade em que atuava. Ele se entregava ao debate conclamando todos ao diálogo; comprometia-se com o resgate da autonomia universitária, questionando a Igreja Metodista da qual era membro professo e apontando caminhos para a superação da crise.

Pode-se dizer que Elias Boaventura respondeu ao chamado freireano para entrar na história e, por meio da educação humanizadora e libertadora, em nome de uma educação confessional, participava e contribuía para a transformação da sociedade.

O principal caminho apontado por Boaventura era o diálogo. Não se cansava de escrever sobre este tema. Invariavelmente ele aparece em suas crônicas em um tom provocador, convidativo e profético. Ao comentar uma das assembleias dos docentes da Unimep, ele afirma categoricamente:

Não é a primeira vez que o diálogo na Unimep funciona bem, aponta rumos e firma o princípio de que em uma universidade confessional que se preze, não há lugar para medidas autoritárias nem para truculências intervencionistas que desrespeitem o processo solidário e democrático e não levem em consideração a natureza essencialmente complexa e dialógica de uma instituição universitária. (BOAVENTURA, 2010, p. 23).

Fica claro também neste parágrafo que, além do anúncio, o autor percorre os caminhos da denúncia dos processos intervencionistas que interferem na universalidade e autonomia de uma instituição confessional. Para ele, é muito clara esta questão e não tem dúvidas em proferir os equívocos daqueles que “apostaram no impasse e jogaram suas fichas na adoção de medidas repressivas, unilaterais, sem levar em consideração a voz do diferente...” (BOAVENTURA, 2010, p. 23).

Em uma das crônicas publicadas no livro em questão, Boaventura revela sua veia profética quando se refere à mantenedora da Universidade, no caso a Igreja Metodista, fazendo um trocadilho com a frase: “tem cupim na cumeeira, que não sabe que é cupim; e pior: pensa que é carpinteiro” (BOAVENTURA, 2010, p. 133). Trata-se de uma metáfora instigante, ao modo dos profetas veterotestamentários, para deixar uma reflexão que requer coragem e desprendimento, para entender a mensagem implícita, denunciadora e anunciadora. Foi enfático ao afirmar: “sustentei que o diálogo sério é o único caminho para a solução do problema, capaz de manter a harmonia interna e fortalecer as esperanças...” (BOAVENTURA, 2010, p. 66).

Embora anunciasse o diálogo como um caminho da superação, aproximando-se das práticas proféticas, Boaventura denunciava, chamando a cúpula administrativa da Igreja Metodista de omissa (2010) com relação à gestão que impunha na Instituição uma intervenção injusta e desqualificadora da política acadêmica.

Nesta mesma linha, o professor do conflito e do diálogo, em crônica escrita em abril de 2007, destacando as raízes da Unimep e a intransigência da cúpula metodista, afirmou

O projeto Unimep é de natureza ecumênica, produto da somatória dos mais diferentes ramos do cristianismo, acatado e respeitado tanto na comunidade local, como na nacional; e agora se encontra ameaçado não tanto pelo financeiro, mas pela intransigência da cúpula metodista que não tem conseguido conviver com a ousadia do sonho unimepiano. (BOAVENTURA, 2010, p. 70).

É importante ressaltar que o sonho unimepiano tem a sua gênese nas *Diretrizes para a educação na Igreja Metodista*, documento que já completou trinta anos, e apresenta a filosofia educacional que fundamenta a política acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba. Daí o incômodo causado pelas ações intervencionistas na instituição e que negavam a filosofia educacional que nutria a Unimep.

O cronista profeta, em meio às lutas e às agruras da crise que se instalara na Unimep, sentiu o cheiro da vida nos sinais de morte que teimavam em se manifestar no seio da instituição. Em março de 2008, leu o texto bíblico no Evangelho de João (11.1-44),⁴ que relata a morte e a ressurreição de Lázaro como uma metáfora para a situação unimepiana daqueles tempos (BOAVENTURA, 2010). No texto em questão, pergunta: “De quem foi o milagre? Dos homens ou de Deus?” (2010, p. 120), e deixa transparecer que sua resposta é que o milagre é da força da vida, portanto, dos homens e de Deus.

Elias Boaventura demonstrou ter sabido ouvir a Deus, por isso comprometeu-se com a mensagem de libertação e transformação como “dador” de aulas e “pastor”, como costumava se apresentar no início das aulas. Em suas crônicas, fazia a síntese dos antagonismos, ajudando os diferentes atores a localizarem-se em meio a tantos conflitos.

Mais do que isto, Elias Boaventura inseriu-se nos meandros das machucaduras e rachaduras provocadas pela crise de 2006. Sua sala de trabalho no bloco 7 do *campus* Taquaral transformou-se em um ponto de encontro, de conversas, de choro, de lamento, de consolação, de pastoreio e de orientação. O professor não ficou anunciando ou denunciando de longe, mas se juntou às pessoas que lamentavam e buscavam forças para o enfrentamento da crise.

Assim como os profetas do Antigo Testamento, foi amado e odiado, mas não mudou o tom profético e sacerdotal, apontando caminhos e acreditando na superação das crises.

Sua mensagem de abril de 2007, após a greve dos docentes na Unimep, continua a ecoar:

⁴ “Estava, porém, enfermo um certo Lázaro, de betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. E Maria era aquela que tinha unguido o Senhor com unguento, e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfermo. Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. E Jesus, ouvindo isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela. Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Ouvindo, pois, que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Depois disto, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia. Disseram-lhe os discípulos: Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá? Jesus respondeu: Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Assim falou; e depois disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono” (João 11.1-11).

Que a Igreja Metodista, Conselho Diretor e Direção Geral do IEP compen-trem-se de que é esse o modelo de escola certo para, além dos compromissos próprios de universidade, levar a proposta missionária libertadora, tão acentuadamente presente no documento “Diretrizes para a Educação na Igreja Meto-dista”. (BOAVENTURA, 2010, p. 75).

E ainda sentença de forma enfática:

O modelo de universidade que a UNIMEP encarna é financeiramente viável e não é, de modo nenhum, ameaçador, mas sinal visível de que através dela se possa “ir e ensinar” de modo comprometido e libertador como quer a proposta missionária metodista. (BOAVENTURA, 2010, p. 75).

Desta forma, não seria apressado concluir que Elias Boaventura foi um educador pro-fético, conforme preconizado por Paulo Freire:

Os profetas são aqueles e aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem e seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam. (FREIRE, 1982, p. 101).

As crônicas de Boaventura são incisivas, provocadoras, concisas e contundentes, e, dessa forma, continuam anunciando e denunciando. O “dador” de aulas continua, com suas crônicas proféticas, a chamar os diferentes atores da mantenedora e da Universidade para o diálogo e a denunciar os que se fazem de indiferentes ou que não ouvem os convites para dialogar, mesmo em meio aos conceitos diferenciados que se apresentam no contexto das referidas organizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este artigo foi um misto de reflexões e recordações da vida e obras do Prof. Elias Boaventura. Da mesma forma, ler Paulo Freire sempre instiga-nos a lutar em prol da educação libertadora e humanizadora. Ler Elias Boaventura conforta-nos e estimula a lutar em prol da educação confessional metodista, também libertadora e humanizadora.

Extrair parte de um artigo da tese de doutorado, cujo orientador foi Elias Boaventura, e cuja temática é a filosofia educacional metodista e a educação preconizada por Paulo Freire, foi um desafio estimulante, pois o ato de aproximar-se dos escritos dos referidos autores é alcançar novas percepções e compreensões da educação libertadora e, em particular, da arte da denúncia e do anúncio.

Neste sentido, procurou-se assinalar, do ponto de vista da teologia, a arte da denúncia e do anúncio em Paulo Freire e verificar nas crônicas de Elias Boaventura o viés profético na perspectiva freireana. É o início de uma reflexão ou diálogo entre os dois educadores que pode ganhar outros contornos, mas que, para este momento, assinala que a educação,

a partir dos referenciais da teologia, pode contribuir para a transformação da sociedade e a formação de cidadãos autônomos e reflexivos, especialmente quando educadores assumem-se como proféticos ao anunciarem e denunciarem em meio às lidas do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 1996.

BOAVENTURA, E. Análise do documento “As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista”. In: BOAVENTURA, E. **Reflexão sobre o documento “Vida e Missão”**. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 1983.

BOAVENTURA, E. **Pela autonomia universitária**. Crônicas da luta na Unimep. 2006/2009. Piracicaba: Equilíbrio, 2010.

FREIRE, P. Terceiro mundo e teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, C. A. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1977.

FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. et al. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1982.

FREIRE, P. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000b.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

SCOTT, R. B. Y. **Os profetas de Israel**. Nossos contemporâneos. São Paulo: Aste, 1968.

SGUISSARDI, W. O cronista da resistência ativa e do diálogo. In: BOAVENTURA, E. **Pela autonomia universitária**. Crônicas da luta na Unimep. 2006/2009. Piracicaba: Equilíbrio, 2010.

STRECK, D. **Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TORRES, C. A. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

DADOS DO AUTOR:

JOSUÉ ADAM LAZIER

Coordenador de Extensão e Assuntos Comunitários
da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Submetido em: 06/03/2013

Aprovado em: 13/02/2014